
A relevância das redes sociais no empoderamento da juventude negra¹

Ana Catharina Oliveira SANTOS²

Tainah Ferreira de OLIVEIRA³

Rita Virgínia Argolo⁴

Rodrigo Bonfim Oliveira⁵

Verbena Córdula Almeida⁶

Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA

RESUMO

O presente artigo busca refletir acerca da relevância das redes sociais no processo de luta da juventude negra. Para tanto, é utilizado como objeto de estudo o canal do *You Tube* “Estaremos lá”, cujo *corpus* de análise está formado por cinco vídeos que tratam especificamente a respeito do racismo. O trabalho parte de um breve recorte histórico sobre o processo de escravidão no Brasil, em seguida aborda os conceitos de empoderamento e a sua aplicação à causa negra e, finalmente, reflete sobre as possíveis contribuições das redes sociais para o fortalecimento das lutas dos grupos minoritários, especialmente para a causa negra. O artigo tem como objetivo primordial verificar se os discursos presentes no citado canal gera reflexões capazes de contribuir com o processo de empoderamento do jovem negro que o acompanha. A metodologia empregada para a análise do objeto consiste, primeiramente, na seleção dos vídeos que tratam especificamente sobre o racismo, a fim de identificar se há um discurso de resistência nele contido; em seguida, parte-se para a análise das interações com os seguidores dos referidos vídeos, a partir dos comentários emitidos, através dos quais se busca averiguar se há identificação entre o emissor dos discursos – as *youtubers* – e seus receptores.

PALAVRAS CHAVE: empoderamento negro; redes sociais; juventude.

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, através da escravidão e tráfico de africanos, civilizações inteiras foram submetidas à servidão pela economia mercantilista. O processo se tornou

¹ Trabalho apresentado na II 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania, do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Graduanda de Comunicação Social– Rádio e TV, 4º semestre, pela UESC, email: catharina96@hotmail.com

³ Graduanda de Comunicação Social– Rádio e TV, 4º semestre, pela UESC, email: catharina96@hotmail.com

⁴ . Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Rádio e TV da UESC, e-mail: rvargollo@yahoo.com.br

⁵ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Rádio e TV da UESC, e-mail: ro.bomfim@gmail.com

⁶ . Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Rádio e TV da UESC, e-mail: vclmeida@uesc.br

uma atividade essencial para expandir o desenvolvimento comercial europeu, que em longo prazo se tornaria base para a construção do mercado capitalista mundial. Com o aumento da complexidade das relações sociais, a utilização de negros foi considerada como a mais viável alternativa para que grandes empreendimentos europeus de desenvolvimento fossem realizados.

Após a introdução da mão de obra escravizada, houve separação hierárquica do trabalho. Considerados propriedades, os corpos negros escravizados foram obrigados a desfazerem o contato com familiares, expostos a péssimas condições de vida, marcada por longa e exaustiva jornada de trabalho, assim como outras violências, tais como limitação da alimentação, agressões verbais e torturas físicas, que resultaram em uma expectativa de vida de aproximadamente 20 anos. Muitos escravizados que não se conformavam com tais condições e submissão ao processo de exploração escapavam, e, em muitos casos, criaram comunidades autossuficientes de resistência, denominadas quilombos.

Influenciada pelo cenário da Revolução Industrial, a falsa abolição da escravidão no Brasil, através da Lei Áurea de 1888, não inseriu os ex-escravizados no sistema social e político brasileiro, de forma isonômica. A marginalização e o afastamento do povo negro dos direitos fundamentais, como educação, saúde, moradia, por exemplo, foram homologados por meio de estratégias criadas pelas elites brancas, que promoveram a exclusão dos corpos negros da maioria dos espaços sociais, sobretudo os de poder, sob a alegação de uma falsa inferioridade, a qual teve origem nas ideologias racistas, sobretudo o chamado “darwinismo social”, importadas das concepções eurocêntricas. Ainda no que se refere à inferioridade ao corpo negro, tem-se a associação entre o negro a um animal selvagem e extremamente sexualizado, ou seja, a não evolução da raça negra e o desprovimento da intelectualidade, segundo as teorias racistas da época. A inferioridade também está relacionada a características físicas, que cofere aos fenótipos da população negra o *status* de inferioridade e desvalorização, quando comparados com os da raça branca. Conforme Abrahão e Soares (2011).

A raça humana é única e a espécie *homo sapiens* é representada por grupos de características diversas, os fenótipos. A cor da pele, o formato da face, a grossura dos lábios e a textura do cabelo são traços resignificados no plano cultural para vincular o pertencimento simbólico do indivíduo à "raça". Uma vez selecionadas pelo fenótipo e inscritas no plano simbólico da cultura brasileira, as representações

sobre a "raça negra" rememoram a colonização e a escravidão presentes na história do Brasil quando os negros escravizados viviam numa condição inferiorizada. (ABRAHÃO e SOARES,2011, p.275)

Assim, a abolição da escravidão aconteceu sem a realização de reformas de integração e políticas públicas efetivas que permitissem a verdadeira inserção daquelas pessoas, e das gerações descendentes no convívio social, de forma equitativa. Somados à população pobre, os ex-escravizados buscaram moradia em regiões precárias e afastadas dos bairros centrais das cidades, tornando ainda maior o número de desempregados, mendigos e da violência. Sobre isso, Abrahão e Soares (2011), aponta que:

[...]é importante lembrar a posição de Costa Pinto quando diz que o problema racial do Brasil não encerrou com o fim da escravidão; ao contrário, adquiriu novos contornos com a igualização e a equiparação dos direitos civis após a abolição, o que levou a construção de argumentos de diversas ordens para sublinhar a desigualdades entre brancos e pretos numa ordem competitiva, liberal e igualitária. (IDEM)

Conforme o IBGE, atualmente, no Brasil, 54% da população é negra⁷. O processo de exclusão de antigamente traz grandes marcas na atualidade, principalmente através do estabelecimento de hierarquia entre as corpos. Mesmo sendo marcas do passado brasileiro, o legado escravista ainda é pertinente na constituição atual do país (SOUZA, 2017).

Por consequências históricas, a maioria das pessoas que vivem em extrema pobreza no país, é negra, possui, em grande parte, escolaridade pública com defasagem e precarização, o que acarreta em desafios para essas pessoas. Isso se evidencia na reflexão do professor da UNEafro-Brasil, Douglas Belchior (2012): “Tanto o trabalho como a escola aparece historicamente como espaços perversos, de negação de direitos à população negra”.

A grande presença cultural no desenvolvimento histórico do país e a persistência das minorias na reivindicação da escassez de recursos e oportunidades, dentro de um

7

UOL. Negros representam 54% da população do país, mas são só 17% dos mais ricos. 2015. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2015/12/04/negros-representam-54-da-populacao-do-pais-mas-sao-so-17-dos-mais-ricos.html>>. Acesso em: 12 de nov. 2017.

cenário de crise social, evidencia a necessidade de uma demanda coletiva de reparação, para o processo de empoderamento do povo negro.

O TERMO “EMPODERAMENTO”

A utilização do termo empoderamento cresceu nos últimos anos. Tem sido usado com maior frequência e está presente em vários contextos, como nos contextos social, político, administrativo, educacional, entre outros. Vale destacar a circulação excessiva da palavra empoderamento no ciberespaço, principalmente nas redes sociais, mas para um melhor entendimento, é necessário que alguns conceitos sobre a origem da palavra sejam discutidos.

Segundo especialistas da língua portuguesa, a palavra empoderamento é um neologismo, ou seja, é um anglicanismo que tem como significado de reforçar a ideia de poder. Segundo a autora Rute Vivian Angelo Baquero (2012):

O neologismo “empoderamento” está, no entanto, consignado no Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea das Ciências de Lisboa e registrado no Mordebe – Base de Dados Morfológica do Português. O termo é um anglicanismo que significa obtenção, alargamento ou reforço de poder. (BAQUERO, 2012, p.174)

O empoderamento está dividido em duas instâncias: a coletiva e a individual, e ambos são aliadas para a ocorrência de um processo de qualidade efetiva para a realização de empoderamento que contemple as demandas exigidas. A coletiva está associada às ações, organizações, comunidades e manifestações sociais, que têm como papel crucial obter resultados significativos em prol de uma luta por direitos de um determinado grupo, por exemplo. Baquero (2012), declara que:

O empoderamento comunitário envolve um processo de capacitação de grupos ou indivíduos desfavorecidos para a articulação de interesses, buscando a conquista plena dos direitos de cidadania, defesa de seus interesses e influenciar ações do Estado. (BAQUERO, 2012, p.177-178)

Por outro lado, existe o empoderamento individual, que está relacionado com as questões individuais do sujeito, ou seja, são os obstáculos enfrentados diariamente pelo indivíduo, e isso concerne ao desenvolvimento de análise psicológica, reconhecimento,

controle e reivindicações dos seus direitos. É um ato político consigo mesmo para conquistar qualidade na sua situação cotidiana. Baquero (2012), afirma que:

O empoderamento individual se refere ao nível psicológico de análise. No nível individual, empoderamento refere-se à habilidade das pessoas de ganharem conhecimento e controle sobre forças pessoais, para agir na direção de melhoria de sua situação de vida. Diz respeito ao aumento da capacidade de os indivíduos se sentirem influentes nos processos que determinam suas vidas. (BAQUERO, 2012, p.176)

O responsável pelo aparecimento do termo empoderamento no Brasil foi o educador Paulo Freire, para quem a emancipação não é um instrumento individual e sim de caráter coletivo. Para ele, a libertação é um ato de cunho social. Em seu livro “Pedagogia do Oprimido” (1987, p. 29), Freire que “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”.

Ao observarmos a concepção freiriana de empoderamento, podemos afirmar que esse termo contribui de modo significativo, para caracterizar e representar, principalmente, a força das lutas sociais de grupos oprimidos, aos quais integram os movimentos de homens e mulheres negros e negros em busca de reconhecimento social, político, de qualidade de vida e principalmente a garantia de direitos como educação, saúde, trabalho, fundamentais a uma existência digna.

O EMPODERAMENTO NEGRO

No âmbito das lutas do povo negro o empoderamento pode ser entendido como a luta por igualdade racial e social. No que diz respeito ao aspecto individual, está relacionado à aceitação fenotípica e histórica negra. Essa aceitação é a compreensão de que as características físicas não são inferiorizantes e, ao contrário, a valorização das mesmas na atmosfera histórica é entender a formação desse povo e reconhecer as contribuições deixadas por ele para a formação do acervo cultural, intelectual, político e econômico mundial.

Sem o empoderamento individual, o sujeito não consegue interferir de forma coerente no campo coletivo; e é assim que ocorre na causa negra. O indivíduo que se reconhece tanto na questão da estética como na social, percebe a necessidade de lutar para assegurar uma qualidade de vida digna para si próprio e para os mesmos que compartilham esse sentimento por uma equidade racial na sociedade.

Desse modo, após a reflexão individual, há uma conexão entre as pessoas que passam por essa mesma situação no seu campo particular, e assim, coletivamente, esses indivíduos começam a apontar os dilemas semelhantes que encaram no seu dia a dia, a fim de buscarem, juntos, reparação histórica das mazelas psicológicas, físicas, sociais, políticas e econômicas causada pelas atrocidades da escravidão e pela não adoção de políticas que buscassem inserir, equitativamente, a população negra nos variados espaços sociais, políticos, culturais e econômicos.

Sem essa comunhão é impossível que esse quadro se modifique em prol da população negra. Durante um discurso sobre direitos humanos na Universidade Estadual de São José, nos Estados Unidos, a filósofa do movimento “*Black Lives Matter*”, Angela Davis⁸ (2015), afirmou que “Todos nós temos que participar para garantir que algo seja feito para frear os danos racistas que estão acontecendo com nossas comunidades em todo país”.

REDES SOCIAIS E CAUSA NEGRA NO CIBERESPAÇO

E essa participação reivindicatória tem assumido várias feições. A partir do advento e da consolidação das redes sociais, dispositivos oriundos da rede mundial de computadores, novos espaços de discussões têm sido gerados em prol da ampliação do “grito” daqueles e daquelas que clamam por direitos.

Conectadas por um ou vários tipos de relações, e tendo como característica a grande proliferação de ideias e disseminação de informação, as redes sociais ajudam a interligar e a compartilham valores e objetivos comuns. Vale ressaltar que isso nem sempre é positivo, mas aqui nos atemos a refletir acerca de uma iniciativa que consideramos auspiciosa.

A discussões pautadas sobre a partir das causas negra ganhou visibilidade na superfície virtual e, durante essas exposições, é possível pontuar, entre tantos, dois aspectos positivos que essa repercussão possibilita: a) apresenta de um panorama das situações excludentes e discriminatórias presente no cotidiano do negro; b) explora aspectos importantes da cultura negra desvalorizada pela sociedade e atua na reafirmação da representatividade negra no campo da internet. Se evidencia a inserção nas redes sociais pelo fato de se tratar de assuntos minoritários, por meio da facilidade

⁸ Ângela Davis, nasceu em 1944, no Alabama, se especializou em filosofia, nas universidades Brandeis, Sorbonne, e de Frankfurt, período no qual foi aluna de Jean-Paul Sartre. Ela é um dos principais nomes envolvidos em lutas políticas do movimento negro e feminista da época.

de disseminação das informações e, ao mesmo tempo, por essas alcançarem um público maior, mais rapidamente. Dentro desse parâmetro o espaço virtual se tornou mais uma ferramenta de auxílio para o confronto contra o sistema racista. E, dessa maneira, o empoderamento negro tem ganhado espaço nas redes sociais.

YOUTUBE

Entre as redes sociais mais populares da atualidade, o *YouTube*, é um transmissor de vídeos alocados em uma plataforma na internet. O termo vem do inglês *you: você* e *tube* – gíria que significa televisão, transformado para *You television*, cujo significado seria “você televisa”, aprimorado para “você transmite”.

Fundado em 2005 por Chad Hurley⁹, Steve Chen¹⁰ e Jawed karim¹¹, o YouTube¹² se transformou em sucesso e adquiriu, ao longo do tempo, 1 bilhão de usuários ativos no mundo, a plataforma é existente em 88 países, e disponibilizado em 76 idiomas diferentes. Por conter um dos mais eficientes algoritmos de sequência de imagem e som, o Codec VP9, que é responsável por ocupar a metade da banda mundial de internet, faz com que a plataforma permita a redução pela metade de vídeos, até mesmo em baixa qualidade. Por ser produzido em códigos abertos, a ferramenta possibilitou o uso de qualquer pessoa, com acesso a internet.

A facilidade de assistir a um vídeo “upado”, seja ele pelo próprio *site*, ou através de uma hospedagem em outra rede social pelo compartilhamento, é notória, principalmente por ser uma forma lúdica de comunicação com o público alvo. A variedade de vídeos encontrada no *YouTube* define o seu alcance com algoritmos que determinam a quantidade de vezes em que ele foi visto, compartilhado e comentando, aumentando ainda mais possibilidade de interação com o público, pois é com tais ferramentas que o diálogo direto ocorre.

⁹ Chad Hurley (Birdsboro, Pensilvânia, 21 de julho de 1977) é o cofundador e ex-diretor executivo do site de compartilhamento de vídeos Youtube.

¹⁰ Steve Chen (Taipé 18 de agosto de 1978) é um empresário de Taiwan, conhecido por ter sido o cofundador e Chief Technical Officer do site de compartilhamento de vídeos YouTube.

¹¹ Jawed karim (Merseburg, Alemanha, 1º de janeiro de 1979) é o co-fundador do popular site de partilhar vídeos chamado Youtube.

¹² UOL. **Um breve histórico de como o YouTube ganhou a internet.2015**. Disponível em: <<https://gizmodo.uol.com.br/inicio-historia-youtube/>>. Acesso em: 08 de abril. 2019.

De acordo com a descrição da plataforma, o seu maior objetivo é criar uma nova possibilidade de compartilhar opiniões com diálogo aberto, por meio do acesso livre dos vídeos e, com isso, proporcionar que a liberdade criativa propicie o surgimento de novas vozes, formatos e possibilidades, para que possam influenciar na educação e na construção do entendimento social. Embora saibamos que nem sempre esses objetivos são alcançados.

Pode-se dizer que o *YouTube* é um grande divulgador de vozes, o que torna o espaço mais democrático e acessível que os meios de comunicação mais convencionais, como o rádio, a televisão, assim como os jornais e revistas impressos. Proporciona, entre outras questões, a discussão de pautas das minorias, como as causas negra.

O CANAL “Estaremos lá”

O canal no *YouTube* “Estaremos lá” discute diversos temas, de forma humorística. As administradoras, proprietárias e idealizadoras são quatro jovens, as quais sempre tiveram vontade de expor suas experiências e cotidiano, principalmente enquanto mulheres negras. Beatrice Oliveira, Carol Silvano, Samantha Cristina e Stella Yeshua possuem, atualmente no canal, 13.437 inscritos. A percussão do canal partiu da necessidade de relatar por meio de um vídeo, titulado: Se é negro tem que me servir? Publicado em 2016, em que narram uma situação de racismo, que vivenciaram na praça de alimentação de um shopping, na cidade de São Paulo, o vídeo em específico conta até data: 09/04/2018, com 36.242 visualizações e 400 comentários, após essa produção, continuaram a produzir outros vídeos dentro dessa temática, o que culminou para a formação do canal.

Ademais, a audiência e compartilhamento em outras redes sociais, como o *Facebook*, foram essenciais para evidenciar a importância e para tornar o canal referência de muitas pessoas no *YouTube*. A partir do fato ocorrido, as administradoras atualizam e preenchem a plataforma com diversas temáticas, que vão de dicas beleza e amorosas, até problemáticas raciais, com o grande desejo intrínseco de quebrar padrões, estereótipos e preconceitos enraizados na sociedade. De acordo com Marcelo Paixão (2003, p. 131-132) “Não há simplesmente como superar as **injustiças sociais** e a **exclusão** em nosso país sem que o negro, e seu **movimento organizado**, seja o ponto de partida e o ponto de chegada das análises e das políticas. (PAIXÃO, 2003, p. 131-132, grifos do autor).

Canais como esse confirmam o fato de as redes sociais serem provedoras de informação e cultura, bem como a importância das relações políticas entre as juventudes.

ANÁLISE DE ALGUNS VÍDEOS DO CANAL: “Estaremos lá”

1. “Se é negro tem que me servir”

“Se é negro tem que me servir” foi o primeiro vídeo do Canal “Estaremos Lá”, publicado em 2016, o que gerou repercussão e proporcionou o sucesso do canal. De forma satírica elas discorrem sobre uma situação racista que vivenciaram. Além disso, as vítimas explicam, de maneira didática, como o racismo está intrínseco no cotidiano.

No shopping em São Paulo, chamado Pátio Paulista, uma mulher branca havia derrubado o seu alimento no chão na praça de alimentação e uma das autoras do canal (Stella) se ofereceu para ajudá-la. Em seguida, a senhora se dirigiu a ela como se a ajuda não se tratasse de uma gentileza, mas de uma obrigação, apenas pelo fato de ser negra. Além disso, o pré julgamento foi seguido pelo pedido da mulher branca para que a jovem negra limpasse o local. Todo o fato foi discorrido, pelo vídeo, de forma lúdica, com edições descontraídas, para criar uma relação de confiança com o público. E, sobretudo, para evidenciar situações de racismo estrutural.

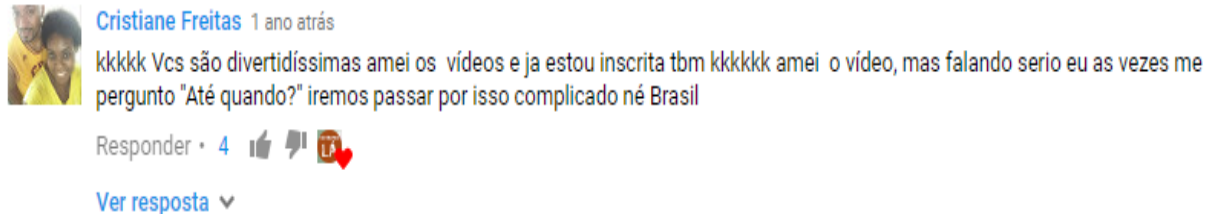
O racismo estrutural está envolvido em um conjunto de práticas, hábitos, situações e falas, em que estão embutidos o racismo direto e indireto. E estão inseridas no cotidiano de forma naturalizada. Dentro da resenha crítica do livro “O que é racismo estrutural?” de Silvio Luiz de Almeida, a autora Waleska Miguel Batista (2018), traz a seguinte análise:

Identifica-se que a perspectiva do autor sobre o racismo parece ter, por seus próprios meios e méritos, atingido entendimento similar ao desenvolvido por Yohan Galtung (1990: 294-296) em seus estudos sobre violência social, dimensionada como uma violência direta, realizada na forma de agressão física; estrutural, ligada à formação e ao funcionamento do Estado e de outras instituições sociais, pois incorporada na aplicação das decisões do grupo dominante e, por fim, cultural, com comportamentos e atitudes discriminatórias. (BATISTA, 2018, online)

Comentário feito pela internauta Cristiane Freitas, na página do vídeo em questão, usa o termo “até quando”, ou seja, a expressão evidencia que a associação do

negro com a servidão ainda acontece, revelando o perfil de um país que ainda não deixou o seu legado referente a formação histórica escravocrata.

Figura 1: "Comentário feito por inscrita no canal".



Fonte: Print Screen da página do *YouTube* do canal "*Estaremos lá*".

2. “Estaremos na sua praia”

As quatro integrantes do canal “Estaremos Lá” mostra um vídeo que narra uma situação de racismo, que aconteceu na praia da Barra, na cidade do Rio de Janeiro. Divulgado nas redes sociais em 2016 pela própria vítima, que usou as mídias sociais para expor a agressão racista, e que também usou o mesmo espaço deixando explícito a sua indignação e repúdio referente ao ocorrido. No vídeo a jovem negra foi agredida verbalmente por uma mulher branca, com críticas pejorativas por conta das suas características físicas, através de frases como: “Você é uma complexada, por ter cabelo duro”; “Não tenho culpa de você se sentir agredida por ser mulata, amor” ; “Você é uma complexada. Nasça branca”; “Você nasceu mulata”, fazer o que?”.

As frases proferidas pela agressora, evidência como o branco ainda possui uma visão colonial, ou seja, escravocrata em relação ao corpo negro. Segundo a autora Laura Cecilia López (2015),

Remeto à ideia de “corpo colonial” do pensador afro-caribenho Frantz Fanon, como corpo constituído pelo colonialismo em sua *performance*, que se faz visível no momento pós-colonial e é enunciado como existente através da ação política que abre a crítica ao colonialismo (Oto, 2006). (LÓPEZ, 2015, p. 304)

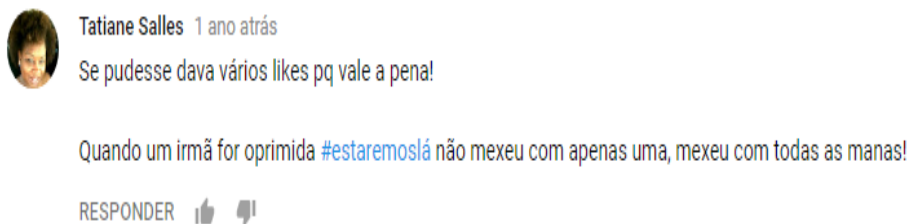
Após o quarteto de o canal relatar o ocorrido e expor o vídeo da vítima, de forma empática, interativa e descontraída o grupo mostra o seu posicionamento em relação às situações como essa. Tanto as integrantes, como a jovem agredida, Segundo López

(2015), após o período colonial, as mulheres negras surgem como sujeito político, pois enfrentam questões ligadas à desigualdade de gênero.

No momento pós-colonial, as mulheres negras surgem como sujeito político que desafia o “gênero” no movimento negro (descentrando o sujeito masculino) e a “raça” no feminismo (descentrando a noção de mulher unitária) (Brah, 2011) a partir de se posicionar “nas margens” de um e outro movimento (Crenshaw, 2002).
(LÓPEZ, 2015, p. 308)

O comentário feito por Tatiana Sales na página do vídeo em questão, também indica sentimento de empatia com o caso racista, ou seja, de como o racismo que a jovem sofreu é sentido também por outras mulheres negras, isso mostra a coletividade dessas mulheres.

Figura 3: "Comentário feito por inscrita no canal"



Fonte: Print Screen da página do *YouTube* do canal "*Estaremos lá*".

E assim, colocam essas sujeitas a frente das lutas de resistência, efetivando a luta política e a voz dessas mulheres em uma sociedade racista. Como destaca López (2015).

[...] relação entre corpo e poder em diferentes dimensões da luta antirracista empreendida pelas mobilizações políticas negras contemporâneas, particularmente no deslocamento das representações do corpo como lócus de poder ao corpo como espaço de resistência.
(LÓPEZ, 2015, p. 308)

Vê-se, portanto, que união dessas mulheres é essencial na luta contra as opressões, pois que permite o fortalecimento de pautas, assim como visibilidade para estas.

3. “Deslize racial”

O vídeo expõe mais um caso de racismo, referente ao ano de 2017, no qual a cantora Ludmilla, uma figura pública, foi vítima de racismo, um apresentador do programa Balanço Geral, do Distrito Federal, pronunciou a seguinte frase: "É uma coisa que não dá para entender. Era pobre, macaca [...] Pobre, pobre, mas pobre mesmo". Para tentar "suavizar" a situação, o agressor/racista usou o argumento de que era macaco também. E mais uma vez, as meninas do canal apresentam repúdio, explicam o que vem ser deslize racial e também mostram o posicionamento sobre esse caso que repercutiu na internet.

A analogia do termo "macaca" ao corpo negro, submete ao período escravocrata no Brasil, em que a população negra era comparada a um animal, e especificamente ao macaco, permitindo uma proximidade com o mundo natural/selvagem, em que esses seres eram agressivos e possuía uma sexualidade aguda, diferenciando dos *homo sapiens* que segundo a teoria evolucionista (DARWIN, 1859), são seres evoluídos e dotados de intelectualidade. Dentro dessas contextualizações é perceptível a associação de que a raça negra é inferior a outras, os autores Bruno Otávio de Lacerda Abrahão e Antonio Jorge Gonçalves Soares (2011), destacam que,

A identificação da "raça negra" a categoria "mundo animal" metonimizado nos "macacos" remete a uma suposta ancestrabilidade símia: a espécie humana teria partido da condição de macacos para a de *homo sapiens*, isto é, aqueles seres dotados de inteligência. Os sentimentos proporcionados por essa representação denotam que a "raça negra" ainda não teria atingido esta condição superior. Comparados em relação à "raça branca", os negros seriam atrasados no ponto de vista intelectual. (ABRAHÃO E SOARES, 2011, p. 273)




O comentário feito pelo usuário "Phellyx", descreve que o mesmo também sofreu com agressões verbais racistas como celebridade Ludmilla, mais especificamente na sua infância, era atacado com termos pejorativos como: "Saci Pererê", "picolé de asfalto" e "gorila". E quando repreendia a esses ataques, era associado a preto favelado, que segundo a lógica racista, favela sugere ser, um sujeito violento.

Figura 4: "Comentário feito por inscrito no canal"



Phellyx 10 meses atrás

VERDADEEEEE !!! na infância eu era saci Pererê , picolé de asfalto e gorila ☐ , mais eu partia pra cima não deixava não , ia na voadora , aí eu era o preto favelado . Ou seja... eu era errado em tudo ! Mais hoje eu arraso em tudo , #ESTAREMOSLA amei o vídeo ! Amei amei !

RESPONDER 9   

Fonte: Print Screen da página do *YouTube* do canal "*Estaremos lá*".

““Além disso, o termo “pobre” dito em tom pejorativo pelo apresentado para ataca a cantora Ludimilla em um programa televisivo, e o termo” favelado” escrito pelo internauta na página do canal, ambos revela a questão socioeconômica em que o negro está condicionado desde o período colonial no Brasil, ou seja, a imagem em um individuo negro sempre é pobre ou já foi, ainda é pertinente na sociedade pós abolição. Dentro dessa análise, Abrahão e Soares (2011) traz a seguinte argumentação:

Foi necessário construir um sistema de hierarquização que mantivesse o status quo de antes, para que os ex-escravos - novos cidadãos - não constituíssem uma ameaça para que as antigas hierarquias continuassem vigentes, mesmo no contexto pós-abolição. Enquanto no período da escravidão a elite poderia justificar a hierarquia a partir do próprio sistema, após o "13 de maio" a hierarquização foi construída através de uma ideologia informal. (ABRAHÃO; SOARES, 2011, p. 266)

E a comparação perversa do negro com um animal selvagem, e a pobreza como pertencente à população negra só revela como o Brasil não abandonou características racistas herdadas do período escravocrata.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O canal “Estaremos lá”, apesar de ter surgido de forma inesperada, é essencial como referência de lutas das comunidades negras através da internet. Segundo Franciani Bernardes e Célia Barbosa: “Nesse sentido a internet, por meio das redes sociais e de outras inúmeras ferramentas, tem sido uma importante via de escoamento de ideias e tem redirecionado a esfera pública de opinião.” (BERNARDES e BARBOSA, 2017, p.13)

O referido canal pode ser concebido como mais uma ferramenta de empoderamento do povo negro, através do reconhecimento das suas demandas, do

rechaço aos preconceitos e às discriminações e, sobretudo, através de reflexões sobre si mesmo e sobre a história dos seus antepassados, como forma de conquistar espaços de reconhecimento e respeito na sociedade, através desse encontro de ideias proporcionado através da interação entre as autoras do canal e seu público.

Canais como o “Estaremos lá” confirmam o fato de as redes sociais serem provedoras de informação e cultura, bem como promotora de mobilização políticas. Porém, não devem ser a única forma de ação contra o racismo que é estrutural e que, para ser combatido, será necessário desconstruir a forma como a sociedade está organizada. Assim, políticas de ações afirmativas devem ser instituídas pelo Estado, de forma que a conscientização ocorra de forma natural e não como remediação. Desse modo, a intervenção virtual deve ocorrer em conjunto com outras iniciativas, inclusive mobilizações massivas em praças públicas, bem como intervenções organizadas a partir de agremiações culturais, políticas, religiosas, entre outras.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Lacerda de Otávio Bruno; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. O corpo negro e os preconceitos impregnados na cultura: uma análise dos estereótipos raciais presentes na sociedade brasileira a partir do futebol. **Ensaio**. Porto Alegre, v. 17, n. 04, p. 265-280, out/dez, 2011.

BAQUERO, Rute Vivian Angelo. Empoderamento: instrumento de emancipação social? – Uma discussão conceitual. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 6, n.1, p.173-187, jan/abr, 2012.

BATISTA, Waleska Miguel. A inferiorização dos negros a partir do racismo estrutural. 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rdp/v9n4/2179-8966-rdp-9-4-2581.pdf>> Acesso em 16 abr 2019.

BERNARDES, Franciani; BARBOSA, Célia. A Internet nos Movimentos Sociais e nas Manifestações Massivas no Brasil. **40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Curitiba: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 2017. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2235-1.pdf>> Acesso em 16 abr 2019.

EVANGELISTA, João Emanuel. **O pensamento pós-moderno**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

FERREIRA, Viviane. O assombro que vaza da simples existência. 2017. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/o-assombro-que-vaza-da-simples-existencia/>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

FERREIRA, Djalma. Conheça Viviane Ferreira, a segunda negra a dirigir um longa no Brasil. 2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/diversidade/viviane-ferreira-a-segunda-negra-a-dirigir-um-longa-no-brasil>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1987.

GIEPPNER, Juliana. Isabel? Não, não me representa. 2017. Disponível em: <<https://www.brasil247.com/pt/247/favela247/180821/Desconstruindo-a-princesa-Isabel-e-o-dia-13-de-maio.htm>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

GOMES, Nilma Lino. Sem Perder a Raiz: Corpo e Cabelo como identidade negra. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia. São Paulo: Departamento de Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letra e Ciências Humanas da USP, 2002.

KIDDO, Yuri. Com oportunidades desiguais, negros sofrem mais com violência, evasão escolar e são maioria no trabalho infantil. 2015. Disponível em: <http://www5.tjba.jus.br/infanciaejuventude/index.php?option=com_content&article&id=885>

MOREIRA, Isabela. 4 reflexões para conhecer o pensamento de Angela Davis. **Revista Galileu**, 2016. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2016/11/4-reflexoes-para-conhecer-o-pensamento-de-angela-davis.htm>>. Acesso 12 nov.2017.

OLIVEIRA, Laila Thaíse Batista de. Narrativas em Rede: O feminismo negro nas redes sociais. **Anais do I Seminário Nacional de Sociologia da UFS**. Sergipe: Programa de Pós Graduação em Sociologia (PPGS) Universidade Federal de Sergipe, 27 a 29 abr., p.1-14, 2016.

PAIXÃO, Marcelo J. P. **Desenvolvimento Humano e Relações Raciais**. Rio de Janeiro: Dp&a, 2002.

RIBEIRO, Daniel. 3º Marcha do Orgulho Crespo RS, acontece no mês da consciência negra em Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.nacaoz.com.br/2015/3-marcha-do-orgulho-crespo-rs-acontece-no-mes-da-consciencia-negra-em-porto-alegre/>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

SAMPAIO, Paul. Ângela Davis: Filósofa, Ativista e Revolucionária. 2017. Disponível em: <<https://citacoesdosampaio.wordpress.com/2017/01/26/angela-davis/>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

SOUSA, Rainer Gonçalves. Escravidão Africana. Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/historiab/escravos.htm>>. Acesso em 13 nov. 2017.

UOL. Um breve histórico de como o YouTube ganhou a internet. 2015. Disponível em: <<https://gizmodo.uol.com.br/inicio-historia-youtube/>> Acesso em: 09 de abril.2019.

UOL. Negros representam 54% da população do país, mas são só 17% dos mais ricos. 2015. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2015/12/04/negros-representam-54-da-populacao-do-pais-mas-sao-so-17-dos-mais-ricos.htm>>. Acesso em: 12 de nov. 2017.

YOUTUBE. Deslize racial. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Xf7JBdiR1Y4>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

YOUTUBE. Estaremos na sua praia. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-ovWuvuWLY4>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

YOUTUBE. Se negro, tem que me servir? 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UcvGF2SYWkY>>. Acesso em: 25 nov. 2017.